

A vez da classe média

Sergio Vale

Um ano depois da crise, diversos indicadores sinalizam retomada generalizada da economia brasileira. Parte efeito de política econômica, parte efeito de base de comparação, o fato é que 2010 promete ser um ano de crescimento forte. Ficam duas questões. Primeiro qual deve ser a dinâmica por faixa de renda. Segundo, qual deve ser o comportamento regional dessa evolução.

Numa perspectiva mais de longo prazo, vale notar que o crescimento da renda deve se manter numa trajetória positiva nos próximos anos. Em que pese uma desaceleração esperada para 2011 em virtude do início de retomada de aumento da Selic, o fato é que a média de crescimento anual da renda entre 2005 e 2015 deverá ser da ordem de 6%. A distribuição de renda deverá ser mais equilibrada entre classe média, baixa e alta, diferente do padrão anterior em que os fortes ajustes de salário mínimo e Bolsa Família incrementaram a massa de renda da faixa mais pobre da população num ritmo um pouco mais forte do que a classe média. Quem não cresceu no período foi a classe mais alta. Com a retomada da economia em bases mais sólidas, significando isso menor dependência de evolução de salário mínimo e BF, devemos ter a classe média em destaque nos próximos anos, comportamento que de fato começou a acontecer nos últimos anos. O dado mais interessante é que pode haver um início de crescimento mais consistente da renda na classe AB, que deve triplicar seu crescimento da massa de renda nos próximos anos.

O pulo da classe baixa para a classe média se dá com expansão natural da economia. Mas o pulo da classe média para a classe alta é mais difícil, pois depende de um nível educacional melhor. Até o momento, a evolução do capital humano no Brasil se deu pelo aumento de participação, ou seja, da quantidade de pessoas com grau escolar mais elevado. Ao mesmo tempo, tem havido queda contínua de produtividade desse trabalhador. Ou seja, os ganhos de capital humano no país tem se dado pela maior oferta de trabalho qualificado, mas não significa que esse capital humano seja produtivo. Para dar o pulo para a classe AB, esse capital humano deverá dar o salto de produtividade também, o que não se dá apenas pelo treinamento formal na escola.

Por fim, a massa de renda deve crescer menos no Nordeste do que no Sudeste e Centro-Oeste. Se de fato o grande boom de salário mínimo e Bolsa Família já passou e o novo ciclo de expansão se dará em serviços e tecnologia, é natural esperar que esse crescimento aconteça mais fora do Nordeste. Grande parte dos investimentos do pré-sal e para a Copa e Olimpíadas se dará nessas regiões, o que torna ainda mais natural sua liderança na expansão da renda.

O que se configura desses resultados é uma tendência de volta da parte Sul do país a estimular o crescimento e uma tendência ainda presente de crescimento da classe média, que parece não ter se esgotado completamente. Além disso, por conta do maior dinamismo da parte Sul do país também abre maior chance de expansão da classe AB. Para que esta passe a liderar o crescimento dependerá do saldo educacional que ainda não aconteceu.

Brasil Econômico, São Paulo, 8 dez. 2009, Primeiro Caderno, p. 18.